

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
NEUSA CLAUDÉTE VARGAS BENATTI

MÍDIA SOCIAL: FACEBOOK EM EVIDÊNCIA

CURITIBA
2015

NEUSA CLAUDÉTE VARGAS BENATTI

REDE SOCIAL: FACEBOOK EM EVIDÊNCIA

Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.

Professor Orientador: Dr. Elson Faxina

CURITIBA

2015

Rede Social: Facebook em evidência

BENATTI, NEUSA CLAUDÉTE VARGAS

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação SEPT/UFPR

Polo UAB de apoio presencial em Foz do Iguaçu/PR

RESUMO: Apresenta um estudo preliminar sobre a criação do Facebook, baseado no Filme A Rede Social de 2010, mostrando a projeção que esta mídia tem na vida dos 48 alunos pesquisados, do Colégio Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos – CEEBJA, do Município de São Miguel do Iguaçu, PR. O artigo discorre sobre a concepção de tecnologia e sua incidência na sociedade e apresenta os resultados de uma pesquisa de campo realizada com alunos e professores sobre sua relação com esta mídia social e a correspondente interferência no cotidiano escolar.

Palavra-chave: Alunos. Facebook. Professores. Rede Social.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento das novas tecnologias e o surgimento da sociedade da informação, a sociedade passa a experimentar grandes transformações, de maneira que nunca esteve tão estruturada em redes telemáticas como nos dias de hoje. Nós professores estamos preparados para trabalhar a aprendizagem, mas não com o conhecimento de toda parafernália de aparelhos que se modernizam a todo instante.

Embora a Lei nº 18.118/2014 tenha sido aprovada pela Assembleia Legislativa do Paraná, proibindo o uso do aparelho celular em sala de aula, a menos que seja para fins pedagógicos, os alunos do período noturno do Colégio Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos – CEEBJA, do Município de São Miguel do Iguçu, PR, têm o hábito do uso para se comunicar durante as aulas.

As punições para o descumprimento das referidas leis são administrativas e ficam a cargo do estabelecimento de ensino. Os tipos de punições administrativas variam muito, de acordo com cada norma e reincidência segundo o Estatuto do Estabelecimento, mas geralmente são: advertência para o aluno e seu responsável, suspensão do aluno, apreensão do aparelho podendo ser retirado só pelos pais e ou responsáveis.

Observados pelos seus professores, notou-se que os alunos ficavam conectados à rede social Facebook a maior parte do tempo, postando, comentando, compartilhando e curtindo, durante as aulas, não tendo rendimento nem aproveitamento satisfatório nos conteúdos apresentados pelos professores.

A proibição feita pela instituição do CEEBJA, em muitos momentos, causou situações conflituosas em sala de aula, o que terminou por desgastar professores e alunos. O que fazer, então? Se proibir não é a solução, liberar também não é. Portanto, o que fazer para encontrar um ponto de equilíbrio para resolver tal questão?

É importante saber que mídias sociais já existiam antes da internet, mesmo que não popularizadas com este nome. Mídias sociais são conteúdos gerados sem controle editorial, com divulgação feita por muitas pessoas para muitas pessoas. Contudo, é com a internet que esse tipo de mídia ganha proporções nunca vistas antes.

O que caracteriza uma mídia como social é o fato de qualquer pessoa conseguir compartilhar ou interagir com o conteúdo, contribuindo com suas ideias, seja através de comentários ou até mesmo por meio de jogos.

Por serem colaborativas, as mídias sociais refletem os interesses e hábitos dos seus usuários, tornando-se cada vez mais atrativas.

Neste artigo o destaque vai para a Rede Social Facebook e o uso que 48 alunos pesquisados, do referido colégio, fazem durante o horário de aula, criando polêmica entre eles e seus professores.

Durante observação anterior, constatou-se que, estando em sala de aula, os alunos conectavam-se às redes sociais, especialmente ao Facebook, e os professores sentiam-se incomodados com a situação, por não conseguir chegar a um consenso sobre o problema. A relação professor-aluno mostrava-se conflituosa, no aspecto da transmissão de conhecimento e a própria relação pessoal entre ambos, porque as normas disciplinares impostas não convenciam esses alunos adultos que não deveriam usar seus aparelhos celulares e se conectar as redes sociais durante as aulas.

Essa relação muitas vezes não estava baseada na confiança, afetividade e respeito. Mesmo que o professor orientasse o aluno a utilizar a internet como um meio de pesquisa, se sentia frustrado por não conseguir sucesso quanto ao mau uso de desses aparelhos, embora fosse norma da escola que também não utilizassem em sala de aula para assuntos não pedagógicos.

Diante desses impasses foi sugerido aos professores de quatro turmas do Ensino Fundamental que desenvolvessem com os alunos um trabalho de conhecimento mais aprofundado dessa mídia. Todos passariam a ter acesso com seus próprios aparelhos e responderiam a pesquisas direcionadas, para que ambos compreendessem o porquê da aceitação/negação da referida mídia social dentro da escola.

O tema foi desenvolvido através de pesquisas e entrevistas, construídos a partir de pesquisa de campo, e trouxe apenas uma estimativa do uso dessa mídia por esses alunos.

Foi apresentada a maior mídia social da atualidade, o Facebook, a partir de sua história baseada no filme *A Rede Social*, do ano 2010. Em seguida, os alunos responderam em quais momentos mais utilizavam essa mídia, o que postavam,

curtiam e compartilhavam. Verificou-se quais motivos levavam à utilização das redes sociais em sala de aula. Também foram questionados se as redes sociais poderiam realmente promover o convívio social entre esses discentes e seus professores.

Investigar qual é a projeção que a mídia social Facebook tem na vida desses alunos e se interfere ou não no convívio social dos mesmos e qual a reação dos professores nesse impasse de liberar ou proibir o uso da Internet em sala de aula foi trabalho de quase seis meses de pesquisa. Afinal, foram várias nuances de um tema polêmico a ser analisado, além de mexer-se em questões bem divergentes de ideias e opiniões que tornaram este artigo um grande desafio.

Para alcançar este objetivo, buscou-se verificar o uso do Facebook feito pelos alunos em sala de aula e como utilizar essa mídia no dia a dia. Verificou-se ainda quais relações os professores estabelecem com as mídias durante as aulas e refletiu-se sobre a viabilidade da mídia social na aprendizagem.

Porém, a reflexão feita pelo corpo docente e discente desse espaço de aprendizagem é que fez com que o trabalho se tornasse imensamente prazeroso, pois, mexendo no âmago dessa questão, muitos professores puderam refletir sobre suas práticas pedagógicas e perceber como seria possível melhorá-las no decorrer do ano. E é justamente por este tema ser pouco difundido, apesar de polêmico, que instigou alunos e professores a refletir sobre uma mídia social que milhões de pessoas usam, mas poucos estudos científicos existem a respeito de seu teor e influência sobre as pessoas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

As escritas da internet, envolvendo principalmente os sites de relacionamento, rompem com as regras de linguagem e criam novos hábitos e novos desejos de escrever. A tendência é que essa forma de comunicação vai exigir mudanças no processo socioeducacional, nas exigências de professores em sala de aula e no comportamento de alunos, que se expressam através da nova linguagem, inclusive, em momentos em que são exigidas as normas da língua oficial.

Para iniciar a fundamentação teórica sobre o tema *Rede Social, Facebook em evidência* tomemos como exemplo esta rede social de comunicação entre as

peças, que amplia as cognições, habilidades e experiências, com o surgimento de uma nova forma de comunicação. A novidade envolve novas culturas, línguas de diferentes países e, mesmo com a ausência de gramática específica, a comunicação, através da escrita, vem com características comuns entre os usuários que permitem compreensão e entendimento da mensagem.

A Questão preocupante é que muitas pessoas estão viciadas nessas tecnologias, e principalmente os alunos que já não sabem ir para a escola sem um Smartphone, Iphone e tantos outros aparelhos que ficam conectados 24 horas.

A preocupação vai além, quando essas redes sociais tornam-se tão importantes que os alunos não acham mais interessante ficar “conectados” na aula do professor, mas sim nas redes sociais, curtindo, comentando e compartilhando mensagens e, nas salas de bate-papo, interagindo com pessoas de fora ou mesmo da própria sala de aula. E essa preocupação não é apenas com a não aprendizagem do aluno, vai além quando o professor se questiona até que ponto isso está favorecendo o convívio social entre eles.

Lawton Nanni Benatti (2013), em seu artigo *Ambientes virtuais de aprendizagem e interação*, comenta que esses ambientes oferecem múltiplas possibilidades pedagógicas, partindo do pressuposto de que tais ações e suas interfaces sejam corretamente utilizadas e direcionadas para o desenvolvimento da autonomia dos discentes e do estímulo à interação. Claro que o uso desse ambiente merece reflexão por parte das instituições de ensino e que o professor precisa ter o apoio e acompanhamento de uma equipe comprometida a buscar fontes e formas para trabalhar com os alunos para lhes garantir acesso e aprendizagem no uso dessas mídias.

Hoje é possível construir redes sociais à distância, em que várias pessoas interagem síncrona e assincronamente. A nova geração de usuários digitais cresce, convive, comunica-se, estuda e trabalha em rede. Nessas redes, o conhecimento é aberto e colaborativo e os usuários não são mais concebidos apenas como receptores passivos, mas simultaneamente como produtores e desenvolvedores de conteúdo.

Estamos vivendo um novo cenário, completamente diferente de algumas décadas atrás, com o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da

Comunicação (TICs), da internet, das ferramentas da web e das redes sociais, que devem passar a ser incorporadas à educação.

Isto significa que o aluno, além de leitor, passa também a ser produtor de materiais para sua própria educação, e inclusive editor e colaborador de produções que ultrapassam os limites da sala de aula ou do ambiente tradicional de aprendizagem.

É preciso algum tempo ainda para que as redes sociais ultrapassem as reservas dos educadores e comecem a ser encaradas como uma fonte valiosa de novas oportunidades.

João Mattar (2013) explora o desafio de integrar ferramentas, plataformas e interfaces da Web e das redes sociais ao processo de ensino e aprendizagem de usuários digitais. Teorias tradicionais e contemporâneas, como o conectivismo, são entrelaçadas para fornecer suporte a alunos, professores, pais e instituições nessa jornada. A educação precisa agora ser pensada neste contexto e se faz cada vez mais necessário refletir acerca dos limites e possibilidades do uso das redes sociais e outros recursos da Web como ferramenta de aprendizagem.

O autor traça um relato, carregado de reflexão, sobre a utilização das tecnologias da Web como ferramenta educacional. Há um longo debate entre autores na elaboração de conceitos e na busca por teorias que expliquem este novo processo de aprendizagem, mas sua análise está sempre associada a relatos do uso das ferramentas e das redes sociais em atividades educacionais, o que sugere que a relevância de seu trabalho atende tanto pesquisadores quanto docentes interessados em trabalhar com esses recursos.

Hoje a escola e os professores dividem as atenções com celulares, *tablets* e computadores dentro da sala de aula. Assim, conhecer o ambiente em que os alunos constroem sua realidade é essencial. Paulo Freire defendia que o ensino-aprendizagem se baseasse na realidade dos educandos, ou seja, professor e aluno deveriam construir juntos, uma nova prática pedagógica. O que o educador talvez não soubesse era que anos mais tarde sua teoria estivesse ligada com o contexto da web 2.0 na educação. Isso porque a internet, os computadores, dispositivos móveis e a web permitiram que os alunos também se tornassem autores, criando novas dinâmicas no ensino. Vivemos uma nova fase cultural, com gírias, vocabulários, comportamentos diferentes e que extrapolam as escolas.

A sala de aula passou a ser (ou deveria ser) baseada no diálogo, definido por Freire como o momento em que os indivíduos se encontram para refletir sobre sua realidade. Prática que não existia na educação décadas atrás, em que prevalecia o pensamento de que o professor era o único detentor do saber e que o aluno era um mero receptor desse saber pronto e acabado.

Com as novas tecnologias a interação professor-aluno pode se intensificar e permitir uma colaboração em rede e em massa. No entanto, existem ainda, ressalvas. O educador também defende uma educação crítica, ou seja, o uso reflexivo e crítico também das telas e redes. E quando se trata do uso de Mídias, como o Facebook e outras tecnologias, e principalmente se essas tecnologias não podem ser controladas pelo professor em sala de aula, surgem assim, as divergências e atritos.

Por isso, as escolas devem utilizar as tecnologias e a internet na sala de aula com precaução. É preciso deixar de lado velhas práticas, como a realização de trabalhos escolares baseados em buscas no Google e em recortar e colar.

Pensar os conceitos levantados por Freire no contexto da rede é imprescindível para entender os rumos da educação.

Em seu artigo *Mídias Sociais, Marco civil e comportamento humano*, Renata Bellentani (2012) diz que a grande facilidade que o mundo tecnológico apresenta, bem como a quantidade de informação, postagens e realizações na internet, faz com que algumas pessoas achem que ter uma mídia social faz com que elas vivam como se tivessem uma armadura que lhes dá mais coragem, separando-as em um mundo onde tudo é possível, permitido e sem consequências. Mas não é. Parece que o mundo perdeu um pouco a noção de bom senso e respeito aos outros e a si mesmo.

Não é porque eu tenho um Facebook que vou desnudar minha vida ali e muito menos ofender outras pessoas. Muitos podem dizer: está na internet é pra ser visto e comentado, mas não é bem assim. Muitas vezes as pessoas fazem na internet o que não fazem na vida real ou que não teriam coragem de fazer.

É neste sentido que a escola deve intervir, orientando os alunos, que na maioria das vezes não tiveram essas orientações em casa, por parte dos pais, para um comportamento onde perceba que sua liberdade termina onde começa o direito do outro.

O escritor Kirkpatrick (2011) cita em seu livro o quão nada tem de inocente esta nova tecnologia.

Embora o Facebook não tenha sido concebido como um instrumento político, logo no início seus criadores perceberam que havia ali um potencial peculiar. Durante as primeiras semanas depois de sua criação na Universidade de Harvard, em 2004, os estudantes começaram a divulgar suas opiniões políticas ao substituir sua foto por um bloco de texto que incluía alguma declaração política (KIRKPATRICK, 2011, p. 12).

Quando se deu a criação do Facebook, as pessoas a usavam também para protestar contra o que quer que ache importante, porém desde o início essas mesmas pessoas perceberam intuitivamente que poderiam expressar on-line sua verdadeira identidade. Então suas opiniões e paixões sobre as questões do momento eram um elemento dessa identidade e, como podemos perceber através dessa rede social, as pessoas continuam a expressar suas paixões e opiniões.

O Facebook, como vemos, pode ser uma força construtiva ou destrutiva, pois é percebido que está dando a indivíduos em sociedades de todo o mundo mais poder em relação às instituições sociais, e isso pode levar a grandes mudanças tanto positivas quanto negativas, dependendo do ponto de vista e interesse de cada sociedade. E, na atual conjuntura política, o Facebook torna mais fácil a organização das pessoas em sociedade.

Kirkpatrick (2011) ainda contribui com um questionamento que nos faz analisar esse mundo midiático em que estamos vivendo:

Poderia esse efeito se tornar um fator que ajudasse a unir um mundo repleto de conflitos políticos e religiosos e em meio a um colapso ambiental e econômico? Um sistema de comunicação que inclui pessoas de todos os países, todas as culturas, todas as religiões não pode ser uma coisa ruim, não é? (KIRKPATRICK, 2011, p. 15).

Com seu questionamento, Kirkpatrick traz à tona uma reflexão que mexe nas estruturas e modelos de comunidade, tanto no âmbito da vizinhança como no planetário. Esse modelo pode nos ajudar a recuperar um tipo de intimidade da qual fomos afastados pelo ritmo cada vez mais acelerado da vida moderna. O Facebook recria a familiaridade de uma cidade pequena eletronicamente mas, ao mesmo tempo, também pode ser mais um lugar onde tipos antissociais podem causar estragos.

Pavan (2014) diz que cada vez mais cedo as redes sociais passam a fazer parte do cotidiano dos alunos e essa é uma realidade imutável e que, mais do que entreter, as redes sociais podem se tornar ferramentas de interação valiosa para auxiliar no seu trabalho em sala de aula, desde que bem utilizadas.

Se houver um bom planejamento com encaminhamentos metodológicos coerentes, o trabalho do professor se torna prazeroso. Porém, havendo incoerência e falta de discernimento, pode se tornar um desastre. O que não pode se perder de vista é que, nas redes sociais, o professor está se expondo para o mundo. Por isso, no mundo virtual os professores precisam continuar dando bons exemplos e devem se policiar para não comprometer sua imagem perante os alunos. Mas, é evidente que em uma rede social o professor não pode agir como se estivesse em um grupo de amigos íntimos.

Na sua prática pedagógica bem fundamentada é que poderá desenvolver um trabalho com os alunos onde todos possam sair ganhando em conhecimento e aprendizagem.

3 METODOLOGIA

A Metodologia utilizada para a realização desta pesquisa foi qualitativa e quantitativa e do tipo empírica, por ser realizada para testar hipóteses que tratam de causa e efeito. Após a pesquisa teórica, para conhecer as reflexões existentes sobre esta mídia social e sua relação com o processo ensino-aprendizagem, teve início o trabalho de campo. Para isso, os instrumentos utilizados foram questionários elaborados para aplicação aos participantes. No questionário dirigido aos alunos, buscou-se saber por que durante o período de aulas eles deixavam de prestar atenção no que estava sendo trabalhado pelo professor e ficavam conectados ao Facebook. Também foi feito um levantamento daquilo que faziam nesta rede social, com quem interagiam, o que postavam, curtiam e compartilhavam, por que e em que momentos mais utilizavam as redes sociais e se achavam que poderiam utilizar o Facebook para desenvolver atividades escolares dirigidas pelos professores.

Quanto aos professores, a pesquisa foi mais direcionada sobre as possibilidades e dificuldades encontradas para trabalhar as mídias com os alunos

em sala de aula; quais impedimentos levavam a não utilização das redes sociais e se achavam possível utilizar as redes sociais como recurso de aprendizagem.

Durante a pesquisa, foram atendidos em média doze alunos por vez, na sala de informática local, quando eles responderam questões elaboradas de acordo com os levantamentos feitos anteriormente e que colaborariam com o resultado que se desejava chegar. Os professores responderam a questionários durante suas horas atividade.

O resultado consistiu na tabulação e organização das respostas obtidas com alunos e professores e na avaliação com base na fundamentação teórica presente neste artigo.

A pesquisa feita com os alunos teve questões de múltipla escolha e foi realizada como forma de coleta de dados, procurando significativa redução de erro não amostral e para facilitar a aplicação e o processo de análise.

Aos professores foram feitas questões fechadas, mas principalmente questões abertas, para permitir avaliar melhor as atitudes para análise das questões estruturadas e proporcionar comentários, explicações e esclarecimentos significativos para se interpretar e analisar as questões postas.

Os respondentes foram motivados e previamente informados sobre a importância desta pesquisa, seus benefícios à escola e futuramente a eles mesmos. Os entrevistados não foram identificados em suas respostas para preservar suas identidades, uma vez que isso não interferiria nos objetivos desta pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Dentre os 48 alunos entrevistados, 39 responderam que usam a Internet no período noturno por não terem a opção de usar durante o dia, quando estão no trabalho e não podem usar celulares. Sete alunos responderam que usam sempre em qualquer período e dois alunos só usam depois do horário da aula.

Ao serem questionados por quais motivos acessam seu Facebook durante as aulas, 23 responderam que só usam quando a aula não está interessante, 12 usam porque não acham que atrapalha a aula e 3 não responderam.

Quando questionados se as redes sociais como o Facebook poderiam ser usadas pelo professor como recurso de aprendizagem, 19 responderam que não; 18 responderam que sim, o professor pode aproveitar e utilizar esta mídia como recurso; e 11 acharam que o professor não deveria usar o facebook para este fim.

E, por fim, ao serem questionados se utilizariam o Facebook para fazer atividades pedagógicas dirigidas pelo professor, 31 responderam que sim, e 17 responderam que não.

Algumas das opiniões dos alunos são:

“Entendemos que a proibição quer evitar que as aulas sejam frequentemente interrompidas pelo toque dos aparelhinhos, que nos distraímos conversando com os amigos ou mandando torpedos e que atrapalhamos os colegas e o professor que se irrita porque interrompe as explicações”.

“Sabemos que muitos abusam como no caso dos que usam o telefone para colar nas provas. Uns usam mensagens de texto para passar cola com os celulares. Tem até quem tire foto da prova ou de uma questão e passa para um amigo de sala. Por esse e outros motivos os professores querem proibir o uso, mas no nosso caso, conectamos ao facebook para ficar 'ligados' no que está acontecendo e enquanto isso, às vezes, enviamos mesmo torpedos e entramos no *chat* da rede para compartilhar curtir e “zoar” com os colegas. Mas proibir o uso de tecnologia em escola seria retroceder no tempo”.

“A escola junto com professores e alunos deveria encontrar uma forma de resolver essa questão sem proibir, mas também sem deixar os alunos abusarem no uso da rede social”.

Os jovens ouvidos demonstraram estar totalmente conectados às novas tecnologias. Mesmo vindos de famílias com rendas muito reduzidas - 38,7% das famílias dos jovens entrevistados possuem uma renda mensal inferior a R\$ 1.500,00 -, 90,5% têm acesso à internet em casa. A maioria deles, isto é 92,3%, usa celular e *tablet* para entrar em sites e redes sociais.

Este cenário deixa claro que a escola precisa se aproximar da realidade dos alunos, entender as suas expectativas e anseios e envolvê-los nas questões escolares de forma a adequar melhor os projetos pedagógicos às necessidades dos mesmos e assim minimizar esse impasse do uso ou não dessa mídia em sala de aula.

As perguntas aos professores foram claras e objetivas, porém as respostas foram uma síntese do resultado da pesquisa feita aos quatro professores entrevistados.

4.1 Você acha possível promover o uso seguro, responsável e saudável das tecnologias em sala de aula?

R – Sim. Porém não sem uma prévia conscientização sobre como utilizá-las e com o acompanhamento do professor para que os alunos não percam o foco que é o didático.

4.2 Como podemos capacitar os alunos a usar as tecnologias móveis em sala de aula?

R – A primeira providência é capacitar o professor a lidar com as várias mídias tecnológicas e fornecer-lhe encaminhamentos metodológicos, que possam ser levados para a sala de aula na teoria e na prática. O que falta, muitas vezes, não é a fundamentação teórica, mas o que fazer com essas tecnologias, ou seja, como encaminhá-las de forma que os alunos possam ter a garantia de aprendizagem a partir de como é trabalhado determinado conteúdo.

4.3 Através da rede social Facebook é possível criar e otimizar conteúdos educacionais? Como?

R- Sim, é possível, vai depender de um prévio conhecimento do professor a respeito da referida mídia, do objetivo de cada professor no encaminhamento didático que se queira apresentar e de uma prévia conscientização aos alunos dos benefícios que se pretende alcançar utilizando tais ferramentas.

4.4 Como você poderia lidar com alunos que durante as aulas não desconectam da rede social Facebook?

R- Pré-determinar dias e horários onde possam estar conectados ao mesmo tempo com um mesmo objetivo, na aprendizagem de algum conteúdo, e propor atividades onde criando um grupo comum, possam estar trocando sugestões e postando atividades criativas que despertem o interesse de todos. Esses momentos podem ser criados pelo professor que determinará e orientará aquilo que poderá ser postado, respeitando o direito à informação, com responsabilidade e ética.

4.5 Você acha possível utilizar as redes sociais como recurso à aprendizagem? Como?

R- Não só é possível como é um meio criativo, que desperta o interesse dos alunos, por ser a realidade social da atualidade. Se bem orientado, os alunos podem aprender de forma lúdica e prazerosa. A criação de grupos para troca de atividades e experiências pode ser um meio bastante utilizado pela comunidade escolar, se bem trabalhado anteriormente com todos. Concordamos que, dependendo do propósito pedagógico e da disponibilidade de cada professor, é possível sim os alunos estarem conectados e interagir em sala de aula entre eles mesmos através dessa rede social facebook, com atividades pedagógicas de pesquisa e trocas de experiências. Porém, acreditamos que, com tanta tecnologia à disposição, existem outras ferramentas muito mais úteis para serem utilizadas com fins pedagógicos que dão conta muito melhor em auxiliar o ensino-aprendizagem em sala de aula. Somos a favor de levar o aluno nos laboratórios e tendo aulas específicas com acesso a tais tecnologias, sem desprezar o aparelho celular que é muito útil quando se necessita de uma pesquisa rápida, breve e que possa estar sanando dúvidas. Ainda defendemos que o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula é altamente prejudicial ao desempenho dos alunos quando utilizados sem o propósito pedagógico. Nossa preocupação enquanto professores é com o fato de os jovens permanecerem o tempo todo conectados aos aparelhos e suas mídias. Consideramos que, dessa forma, há o risco de os recursos de informática se tornarem os 'protagonistas' do processo quando, na verdade, o foco deve ser sempre o recurso humano.

Observou-se que todos os professores possuem computador com acesso à Internet. A grande maioria valoriza a aplicação das TICs no trabalho docente, afirmando que o uso das mesmas desperta a motivação dos alunos para a aprendizagem, melhorando a receptividade dos conteúdos.

Dos quatro professores entrevistados, todos mostraram interesse em discutir mais estas questões com seus alunos e se propuseram a dialogar para minimizar a situação do mau uso dessa mídia e na elaboração de atividades relacionadas ao conteúdo, pertinente a todos.

Concluiu-se que o que falta para que haja um melhor aproveitamento do uso das mídias para os professores e alunos são apenas encaminhamentos metodológicos diversificados e um diálogo mais aberto entre os mesmos a respeito do problema. Segundo os professores entrevistados, ainda não existem

espaços de discussão na escola, devido aos conteúdos da Educação de Jovens e Adultos serem condensados, por conta da carga horária.

Foram sugeridas algumas alternativas para a formação continuada docente que promova a inserção das Tecnologias de Informação no cotidiano da escola. Diversificar os modelos de formação ou flexibilizar os currículos para atender a demanda dos diversos projetos de vida dos alunos. Além disso, as atividades escolares devem ser mais variadas. A didática aplicada pode ser mais dinâmica e as aulas mais práticas. Fóruns e discussões em sala de aula e trabalhos em grupo são boas alternativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, com o apontamento dos estudos e pesquisa aqui explanados, percebe-se que a superação maior é a adaptação dos professores e alunos ao acesso às novas tecnologias que vieram para ficar.

Para qualquer inovação tecnológica há alteração no comportamento das pessoas. A grande questão é que o Facebook, utilizado em sala de aula, funciona se houver interação entre professores e alunos, dispostos a aprender juntos. As informações estão chegando cada vez mais rápidas às pessoas, assim como o poder de interagir com as mesmas está cada vez maior. Essas interações podem ser positivas, neutras ou negativas de acordo com os propósitos pedagógicos definidos.

Por outro lado, urge repensar os modelos atuais de formação de professores, o que significa fazer uma análise crítica para rever o projeto político pedagógico da escola que não se ajusta nem responde às necessidades atuais dos sujeitos do EJA. Precisamos de uma educação que seja capaz de articular, neste novo espaço, a produção de saberes, competências e valores para dar respostas em termos de qualidade à sociedade.

O atual desafio escolar e, por conseguinte, para o professor no exercício de sua função, é assimilar essa interatividade comunicacional possibilitada pela mídia, vendo-a como um instrumento cultural que pode ajudar nas mudanças conceituais e sociais requeridas. Afinal, cabe a quem detém o saber sistematizado iniciar as mudanças dentro do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BELLENTANI, Renata. **Mídias sociais, marco civil e comportamento humano**. (2012). Disponível em: <http://renatabellentani1.jusbrasil.com.br/artigos/117925221/midias-sociais-marco-civil-e-comportamento-humano?ref=home> e www.oabsp.org.br/www.G1.globo.com. Acesso em 29 out. 2014.

BENATTI, Lawton Nanni. **Afetividade e Interatividade na EaD** (2013). Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/afetividade-e-interatividade-na-ead/109651>> Acesso em 02 nov. 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 32 ed. São Paulo: Cortez. 1996.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook: Os Bastidores da História da Empresa Que Conecta o Mundo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

MATTAR, João. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato educacional, 2013. Acesso em 26 out. 2014.

PAVAN, Mayra. **Facebook na sala de aula**. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/facebook-na-sala-aula.htm>>. Acesso em: 18 set. 2014.